

**IMORTAIS DA ACADEMIA**  
**EPISÓDIO 32 – ORIGINALIDADE, OU SE TEM DE NASCENÇA OU NÃO SE TEM DE MODO NENHUM**

**01:00:17:24**

**ABERTURA**

**01:00:22:16**

**OFF**

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,  
Arte e ciência, pensamento e memória,  
Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.  
A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.  
Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,  
Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

**01:01:03:08**

**VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia**

**01:01:22:22**

**ZUENIR VENTURA – Atual ocupante da cadeira 32**

Escrever é essa coisa da busca da palavra justa, daquele substantivo. Porque a linguagem, a língua, a linguagem é sempre, não dá conta. Seja no seu pensamento, seja na sua emoção, da nossa experiência, a gente sabe isso, quer dizer, é comum dizer “eu não tenho palavras”, “eu não tenho”. Porque quanto maior a experiência, a vivência, a emoção, mais difícil é de você transmitir. Carlos Drummond de Andrade que dizia que escrever é cortar palavras. Porque o trabalho é um pouco isso. Você ver qual é a palavra justa. Você corta mais do que escreve. Então eu acho que é um trabalho penoso. Bom é ter escrito, mas escrever não é bom.

**01:02:12:15**

**VIDEOGRAFISMO – Cadeira 32: Originalidade, ou se tem de nascença ou não se tem de modo nenhum**

**01:02:19:17**

**ZUENIR VENTURA – Atual ocupante da cadeira 32**

Eu comecei no jornalismo de uma maneira muito curiosa porque eu trabalhava no arquivo. Quem me levou pra lá foi Elson Martins, uma figura maravilhosa, morreu com 36 anos. Eu devo a ele minha carreira. Realmente um figura incrível. Ele um dia, já sabia que eu estava com problemas de dinheiro e tal, eu estudava na Faculdade Nacional de Filosofia, e ele era aluno e professor. Era tão genial que ele era aluno e professor. E ele enfim, resolveu apostar em mim, ficamos muito amigos e tal, e um dia ele falou: “Olha, eu tenho um emprego para você.” Ele sabia que eu tinha dificuldades financeiras. “Mas é de noite.” Eu falei “Ótimo!” Porque era a única hora que eu podia, porque eu ficava o dia inteiro na faculdade, e dava aulas particulares, e tal, para pegar uma graninha, e tal. E fui então para o arquivo de seis à meia noite. E ele dizia assim: “Mas você tem que ir pra redação. Você treina a redação, você vai melhorar o seu estilo”. E eu falava, “mas eu não quero, eu não quero ser escritor, eu não quero ser jornalista. Eu quero ser professor, então não preciso”. Era essa, né, meu embate com ele. E ele insistia, insistia. E até que um dia eu passando pela redação, ainda na faculdade, último ano da faculdade, e o Carlos Lacerda estava

procurando alguém para escrever o obituário do Albert Camus, grande escritor Albert Camus, ensaísta, romancista e tal. E aí eu, instintivamente, eu, passando, disse que eu podia fazer. Imediatamente eu me arrependi, porque fiquei imaginando a bronca que ele ia me dar no dia seguinte. “Quem foi esse idiota que escreveu isso aqui?” Mas já tinha dito, então escrevi, e o artigo saiu no espaço que em que ele escrevia. Espaço nobre do jornal. E aí fui para a redação e nunca mais saí. Mas era, quer dizer, por causa do Carlos Lacerda.

**01:04:06:27**

**OFF**

“O gosto do segredo é bom, mas o da inconfiência pode ser melhor. Poucos prazeres substituem o de contar. Embolado na caverna em torno do fogo ou diante da fogueira moderna, que é a televisão, o homem vive de contar e de ouvir histórias, não importa se reais ou imaginárias.”

Mal Secreto: Inveja  
Zuenir Ventura

**01:04:34:02**

**ZUENIR VENTURA – Atual ocupante da cadeira 32**

E uma aluna, enfim, colega minha, uma jovem colega, uma vez escreveu o seguinte, que o meu segredo era que eu dava aula em redação, e na sala de aula eu fazia redação. O que ela queria dizer era o seguinte, é que, quer dizer que eu como sempre fui professor, que realmente antes de ser jornalista, professor, tentava levar a redação para dentro da escola, sala de aula, e na redação por natureza, por ser enfim, professor de vocação, eu acho que de certa maneira segundo ela, eu reproduzia um pouco a sala de aula. E isso enfim, eles achavam, que, quer dizer os jovens que passaram por mim, que aprenderam muito com isso. E eu aprendi muito também. Eu acho que memória ela é sempre, quer dizer, uma visão subjetiva do que você viveu. Se amanhã resolver, daqui há dez anos, reconstituir essa cena aqui, cada um vai ter um ponto de vista. Então eu acho que quando a gente fala por exemplo em objetividade e tal, é muito mais a busca do que realmente uma realização. A gente está sempre contaminando o nosso texto, a nossa narrativa, com uma visão pessoal. Quer dizer, o jornalista deve ser mais testemunha, não deve ser juiz nem promotor. Ele tem que... E esse olhar mais generoso com o outro, é o que eu procuro ter. Por exemplo em 68, o livro, eu acho que só uma vez eu falo “eu”. Uso o pronome “eu” quando enfim, eu fui preso pela ditadura. Porque sempre eu dei voz a outro. E procuro, quer dizer, não ser impositivo, ou seja, eu sei que ali é uma visão que é a minha, e não é a definitiva. Eu gosto sempre de dar ao leitor dados, informações para ele julgar.

**01:06:35:02**

**HELOISA BURQUE DE HOLANDA – Doutora em letras**

Tem uma coisa no Zuenir que não é só do jornalismo. Ele tem uma sedução. Zuenir é uma pessoa que se você for conversar com ele, você sai querendo ficar ali pro resto da vida. Então ele tem esse lado que leva ele a que as pessoas falem mais. Ele promove muitas falas. Você vê que ele foi o primeiro a entrevistar um traficante. Nunca ninguém tinha entrevistado um traficante, pois não é que ele conseguiu. Então ele tem essa coisa que eu acho muito atípica de um jornalista. Mas ao mesmo tempo ele tem um rigor, ele tem um compromisso muito grande com a verdade jornalística, eu acho. Ele fez uma formação nova para os novos jornalistas que vieram depois dele. Você reconhece um discípulo do Zuenir. E você percebe aquela paixão, aquela verdade, aquela, sabe? Fineza de observação. Ele formou umas três gerações de jornalistas.

**01:07:40:07**

**OFF**

Na história da cadeira 32, a vivacidade do olhar de Zuenir Ventura se junta à crítica social do teatrólogo Joracy Camargo. Considerado o iniciador do teatro social brasileiro, Joracy Camargo levou acidez e humor aos palcos.

**01:08:02:01**

**TÂNIA BRANDÃO – Crítica e pesquisadora de teatro**

O Joracy Camargo, ele pertence a uma, a uma produção que é uma linguagem teatral que hoje está perdida. Talvez hoje tenha um longínquo eco desses recursos na teledramaturgia, porque são peças que estão rapidamente em cartaz, se sucedem. Trabalham com as coisas que as pessoas estão sentindo, com o que está fervilhando naquele momento. E elas seguem uma estrutura de, como são desenhadas as situações, os personagens, que permite que com o autor tenha uma rapidez de escrita. Porque ele vai trabalhar com a mocinha, com o bandido. Ele vai trabalhar com estruturas de personagem que são quase que arquétipos de funções sociais. Ele tem uma preocupação social que começa a surgir no país no início do século 20, que é um dado novo. E o principal modelo é o “Deus lhe pague”, que é o seu maior sucesso, que é um grande sucesso internacional. Que é uma discussão a respeito do capitalismo, da miséria. E isso provocou um polêmica, isso provocou uma visão nova, e foi considerado uma grande ousadia. Passa muito por aí a possibilidade de se falar de uma originalidade de Joracy Camargo. É usar aquela roupa antiga do teatro, que vem desde o século 19, e dar a essa roupa um colorido novo. Que vem da efervescência, da inquietude, que nasce naquele momento na sociedade brasileira.

**Joracy Camargo – Posse em 1967**

**01:10:03:15**

**OFF**

“O mendigo é, neste mundo, uma necessidade social. Quando eles dizem: ‘Quem dá aos pobres, empresta a Deus’, confessam que não dão aos pobres, mas emprestam a Deus... Não há generosidade na esmola: há interesse. Os pecadores dão, para aliviar seus pecados; os sofredores, para merecer as graças de Deus. Além disso, é com a miséria de um níquel que eles adiam a revolta dos miseráveis.”

**Deus lhe pague**

**Joracy Camargo**

**01:10:35:22**

**TÂNIA BRANDÃO – Crítica e pesquisadora de teatro**

Todo mundo quer fazer uma revolução literária e mudar a sensibilidade da sua terra, mudar a maneira de viver do seu país, a maneira de pensar. “Nossa como eu queria isso!” Mas eu sou quem eu sou. E eu faço o que eu posso. E eu acho que toda atitude é importante. Toda obra de arte deve ser respeitada enquanto tal, e deve ser lida, vista, naquilo que ela traz, naquilo que ela nos dá naquele momento. E nenhum artista está obrigado a fazer uma obra prima todo dia, ou mesmo a fazer uma obra prima. Ele é obrigado a fazer uma obra que ilumine o nosso momento de vida. Que ilumine coisa que estamos pensando, que estamos enfrentando nesse momento. Então, eu brigo muito com a má qualidade da escola brasileira. Eu acho que a escola brasileira é o maior inimigo do autor brasileiro, porque a produção da arte é uma produção coletiva. O autor está materializando uma radiografia da alma do seu tempo. Então se a alma do seu tempo é obscura, a sua radiografia vai ficar esfumada. O autor precisa que a escola seja boa, que o público, que os cidadãos sejam os mais fortes possíveis, pra que sua obra também tenha clareza. Então,

eu não vou dizer pra você que o Joracy Camargo é um autor menor. Mas ele é um autor que não tem repercussão intensa na produção literária, porque ele é o autor padrão corrente da época em que ele vive, e que ele está retratando.

**01:12:41:04**

VINHETA – Estamos apresentando

**01:12:59:11**

VINHETA – Voltamos apresentar

**01:13:08:01**

**OFF**

“Originalidade, ou se tem de nascença ou não se tem de modo nenhum”.

A frase, dita por Ariano Suassuna em sua posse na Cadeira 32, elogiava alguns de seus pares acadêmicos, mas também serve para definir o próprio autor. Além da escrita mais que singular, Suassuna exerceu a inventividade também como artista plástico e professor.

**01:13:36:05**

**CARLOS NEWTON JÚNIOR – Professor e escritor**

Ariano começou a ser reconhecido nacionalmente à partir do “Auto da Compadecida”. Mas ele era muito jovem, ele escreveu o “Auto da Compadecida” ele tinha 28 anos de idade. “Compadecida” é de 55. Mas a peça só foi encenada em 56 pela primeira vez, aqui no Recife. E também foi uma encenação que não houve uma grande repercussão. Praticamente repressão nenhuma. A ideia era que ela, que eles fizessem três apresentações. Na terceira, ele não fizeram a terceira por falta de público, pra você ter uma ideia, aqui no Recife. E aí o mesmo grupo foi participar em janeiro de 57 do festival, do Primeiro Festival de Amadores Nacionais, no Rio de Janeiro. E aí a peça caiu assim, no gosto de todo mundo. Foi um enorme sucesso.

**Ariano Suassuna – Posse em 1990**

**01:14:21:15**

**OTHON BASTOS - Ator**

Foi um sucesso retumbante. Eles ganharam prêmio de melhor espetáculo no festival, e depois aí, começou a onda sobre Suassuna. Todo mundo queria montar Suassuna, queria conhecer Suassuna. Eu fiz o “Auto da Compadecida” no teatro, mas eu fazia o papel que é o palhaço. “Te dei uma máscara e tu conhecerás a verdade do outro.” Se você der uma máscara, com a máscara você fala coisas que você não fala sem máscara. O jogo que o Suassuna faz com a verdade. Cada um acha que está dizendo a verdade, mas a verdade tem... Tem uma frase zen que diz “Com o passar do tempo, a verdade é a coisa que mais se contradiz.” Então na verdade no Suassuna é assim, cada um querendo dizer a verdade a sua maneira, a outra maneira, pra dizer que cada um tem a sua verdade.

**01:15:26:29**

**OFF**

“Cumpriu sua sentença. Encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca do nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo, morre.”

## **O auto da compadecida**

**Ariano Suassuna**

**01:15:51:06**

**CARLOS NEWTON JÚNIOR – Professor e escritor**

O que a obra de Ariano tem de original, é a expressão de seu universo pessoal, e é muito característico isso na obra dele o fato que de você tem, você encontra nitidamente o mesmo universo, tanto na poesia, quanto no teatro, quanto no romance. Aquele universo que vê o sertão de uma maneira diferente do sertão que era visto pelos regionalistas de 30. O sertão de Ariano é um sertão mais carregado de mitos, mais fabuloso, mais mágico, mais poético. O universo de Ariano, ele é construído à partir da cultura popular, mas ele, ele faz da cultura popular uma espécie de ponte que vai fazer com que ele dialogue com toda a tradição da cultura ocidental, a tradição mediterrânea. Então, é um escritor erudito, de formação erudita, que dialoga com o popular, pra que a sua obra de erudito, como ele dizia, pulse em consonância com o sangue do povo brasileiro.

**01:16:57:16**

**ANCO MARCIO T. VIEIRA – Professor do Programa de Pós Graduação da UFPE**

O universo de Ariano de fato é o sertão. Ele acha que o sertão está ali como um depósito dos grandes valores que não foram corrompidos, da nacionalidade e da cultura brasileira. E os demais lugares do Brasil teriam sido corrompidos pela modernidade. Ali o sertão guardaria o imaginário dos primeiros portugueses que aqui chegaram ainda com o imaginário medieval. Ainda guarda a literatura, que é uma literatura digamos medieval, que é a literatura de cordel, o aboio, a xilogravura. Ele vê o Brasil à partir dessa perspectiva do sertão. Certo? E aí ele inverte Euclides da Cunha. Em Euclides, é o Brasil litorâneo que tem que modernizar o sertão. O sertão é o Brasil atrasado. Em Ariano é ao contrário. É o sertão que tem que modernizar, explicar ao Brasil o que é o Brasil. Ele inverte a perspectiva. A obra de Ariano está muito cheia desses personagens quixotescos. O próprio Ariano é um personagem quixotesco. O Ariano passou a vida inteira, nesse ponto é louvável, porque ele não se deixou corromper. No país onde as pessoas transigem o tempo todo, estão mudando de acordo com os ventos, Ariano não mudou. Isso é louvável, mas por outro lado também mostra uma pessoa em certos aspectos, muito reacionária. Essa defesa do Brasil, que existia um Brasil verdadeira que é o sertão incorrompido, essa coisa de você tomar um modelo, e ele ser idealizado, e você congelar. É como se você quisesse congelar o tempo, isso é uma visão reacionária. Porque se existe algo dinâmico, é a cultura. Se você tenta congelar, você mata ela. Ela passa a ser um objeto de museu. Ele é talvez o último grande romântico. O olhar dele é um olhar romântico. É um olhar tipicamente romântico, dos românticos alemães, de ver um passado idealizado, e que vai nos servir de matéria prima para construirmos o que é a identidade nacional, uma verdadeira cultura brasileira. Esse lado do nacionalismo. É tudo que fosse estrangeiro para Ariano, era complicado. Me lembro que eu fui aluno de Ariano nos anos 80, que o pessoal falava: “Ariano é contra guitarra, e etc.” Bom, isso não é nada. Ele era contra a piano! Ele achava piano uma coisa absurda! Que era um instrumento europeu. Então me parece que tem haver com essa visão estática do mundo. Esse olhar estático do mundo. Parado. A diferença é que Ariano é genial! Ariano conseguiu traduzir, muitas vezes esse olhar estático do mundo, da cultura, numa obra maravilhosa. Certo? E muitas vezes a obra de Ariano, o discurso de Ariano vão por caminhos distintos.

**01:19:49:08**

**ZUENIR VENTURA – Atual ocupante da cadeira 32**

Eu ia assistir as aulas dele. São aquelas aulas, espetáculos, aula show e tal. E era divertidíssimo. Eu me lembro que uma vez ele me viu e falou – “Esse aí é repetente. Já assisti várias vezes essa aula, então, repetente.” Mas ele era uma figura insubstituível, quer dizer, ele não tem sucessor. Ele tem, quer dizer,

um ocupante numa cadeira que era dele. Mas, eu não tenho essa pretensão, imagina, Ariano é um gênio! Então é com muita humildade, com muita reverência, e muita devoção, que eu ocupo essa cadeira do Ariano. Se fala em baixa modernidade, em pós modernidade, mas enfim, é qualquer coisa depois de um tempo, desse tempo que eu vi. Eu acho que a paixão hoje, que existe nesse momento pelo menos, é a pior delas, que é o ódio. Não vale à pena você brigar, ter assim esse ódio, brigar, perder uma amizade de anos, e anos, e anos, por causa de uma conjuntura política e tal. Então essa intolerância, esse ódio entre amigos, entre parentes e tal, acho pior coisa que está acontecendo hoje. Maniqueísmo. As pessoas às vezes se perguntam, querendo saber que lado você está, para saber se conversa ou não com você. Se está ou não do meu lado. Que isso? E é muito curioso que eu recebi a pouco uma carta. Carta. Carta mesmo. Duas cartas. Uma dizendo o seguinte, me acusando de ser golpista. E outra dizendo que eu, favorecia os petistas. Aí eu peguei as duas, botei uma carta no envelope da outra, troquei, e mandei pra eles dizendo – “Olha, na verdade é isso que eu quero, ser, realmente não ser aceito em nenhuma das duas partes. Eu quero ficar distante das duas partes.”

**01:21:48:23**

**OFF**

“A nossa história começa com um réveillon e termina com algo parecido a uma ressaca – ressaca de uma geração e de uma época. Entre os dois, o Brasil e o mundo viveram um tempo apaixonado e apaixonante. É possível que 1968 não seja, como querem alguns de seus hagiólogos, o ano zero de uma nova modernidade, embora os estudantes franceses já tivessem avisado, na época, que era apenas o começo”.

**1968: O ano que não terminou**

**Zuenir Ventura**

**01:22:27:29**

**ZUENIR VENTURA – Atual ocupante da cadeira 32**

Eu sempre tive o cuidado de dizer para os jovens que tinham lido o meu livro e tal, e às vezes queriam repetir 68, quer dizer, querendo fazer o mesmo que 68 fez. Eu falei – “Olha, realmente não dá, a história é conhecida, não se repete e tal.” E então, eu acho que o legado maior daquela geração foi a ética e a paixão. Foi uma geração de jovens que, enfim, perderam os melhores anos das suas vidas, entregando-as ao exílio, ou a tortura, ou a morte, por uma causa. Esse país, como diz o Ivan Valença, é um país amnésico, desmemoriado. Aquela coisa, quando você não sabe do passado você tende a repeti-lo, sobretudo os erros. Então você vê jovens hoje que não tem a menor ideia do que foi. E eu tive nas minhas palestras e tal, tive um menino simpático e tal, pediu a palavra – “Olha hoje é a mesma coisa. Não vejo qual é a diferença do que você está falando de hoje, e tal. Qual é a diferença?” Eu falei: “Companheiro, a diferença é a seguinte é que se você dissesse tudo isso que você disse agora, naquela época você ia preso.” Então, esquece. Você tem fenômenos, por exemplo como tem o do Jair Bolsonaro. Que fez no Congresso Brasileiro, depois de tudo aquilo que o país passou com a ditadura, faz uma homenagem ao torturador reconhecido pela justiça. Esse foi o cara mais votado aqui no Rio de Janeiro. Então, quer dizer, eu acho que essa coisa de aprender com o passado é fundamental. Não é para ficar olhando pra trás, dizendo “Ai, no meu tempo...” Eu por exemplo não tenho isso. Eu acho que, como diz o Paulinho da Viola, meu tempo é hoje. Mas você olha pra não repetir.

**01:24:31:01**

**VIDEOGRAFISMO**

Cadeira 32

Patrono – Araújo Porto-Alegre

Fundador – Carlos de Laet

Ramiz Galvão

Viriato Correia

Joracy Camargo

Genolino Amado

Ariano Suassuna

Atual – Zuenir Ventura